



# A PERFORMATIVIDADE E OS RECORTES CONTEMPORÂNEOS DE RESISTÊNCIA<sup>1</sup>

## PERFORMATIVITY AND CONTEMPORARY CUT-OUTS OF RESISTANCE

Geovanni Lima da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente texto visa refletir acerca das discussões oriundas da Sessão Temática III do VII COLARTES, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, em agosto de 2019, com participação de Jackson Ferreira (Núcleo Afro Odomodê) e Ricardo Sales (Banda de Congo Amores da Lua). A partir das comunicações apresentadas pelos palestrantes, refletirei acerca da utilização da arte como ferramenta para demarcação social, bem como o papel das manifestações culturais e da produção engajada de artistas na atual sociedade brasileira.

### ABSTRACT

*This text aims to reflect on the discussions arising from the Thematic Session III of the VII COLARTES, held at the Federal University of Espírito Santo - UFES, in August 2019, with the participation of Jackson Ferreira (Nucleus Afro Odomodê) and Ricardo Sales (Band of Congo Amores da Lua). From the communications presented by the speakers, I will reflect on the use of art as a tool for social demarcation, as well as the role of cultural manifestations and the engaged production of artists in current Brazilian society.*

Me lembro exatamente da data: 18 de outubro de 2012. Estava parado – eu e alguns milhões de brasileiros(as) – frente à uma televisão, aguardando para saber o que ia acontecer no último capítulo da novela das nove<sup>3</sup>. As pessoas que se encontravam no mesmo ambiente que eu, torciam ferozmente para que a mocinha vivesse plenamente o amor idealizado com o mocinho. O folhetim apresentava em seu esqueleto básico, dois núcleos: o primeiro, uma típica mansão das novelas produzidas pelo canal e habitada por

---

<sup>1</sup> Versão em formato de ensaio da relatoria das conferências “A minha vivência na tradição do Congo”, proferida pelo Mestre Ricardo Sales (Banda de Congo Amores da Lua), e “S RAP: arte transformando vidas”, proferida por Jackson Ferreira (Núcleo Afro Odomodê), durante o VII COLARTES 2019: Há um lugar para a arte?, realizado na Cidade de Vitória, Estado do Espírito Santo, de 20 a 22 de agosto de 2019, nas dependências do Centro de Artes, Cemuni IV, da Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>2</sup>Geovanni Lima da Silva é Artista e Performer; Mestrando em Artes Visuais pela UNICAMP; Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro dos grupos de pesquisa CNPq/UFES: Diálogos entre Sociologia e Arte/DISSOA e Grupo Entre – Educação e arte contemporânea. Atualmente desenvolve pesquisas ligadas ao corpo como interface política, sobretudo corpos negros, gordos e LGBTI+ tendo a performance como principal método de criação. Contato: [geovanni.limasilva@gmail.com](mailto:geovanni.limasilva@gmail.com).

<sup>3</sup>A novela em questão era a Avenida Brasil (Rede Globo), que narrava a história da menina Rita, abandonada em um lixão pela madrasta, que jurava vingança. Já adulta, ela assume a identidade de Nina e volta para se vingar da megera, mas se vê dividida ao descobrir que o seu grande amor é filho da mulher que arruinou a sua vida.



uma família rica, com muitos empregados(as), ambientes e carros luxuosos, vestidos de toda sorte de grifes de roupa; e o segundo: um lixão repleto de situações insalubres, com animais e gente recolhendo comida e materiais diversos que proporcionalmente elevariam a chance de sobrevivência e as de proliferação de bactérias e parasitas prejudiciais à saúde humana.

Esta lembrança marcou a minha memória, ela se constitui como o marco inicial do processo de construção de identidade social que vivi/vivo. Os dois ambientes apresentados acima, a mansão e o lixão, refletiam/refletem a sociedade contemporânea brasileira, melhor, ratificavam/ratificam o modelo social que opera neste país, proporcionando sua continuidade, estabelecendo em que locais corpos brancos, hétero-cis-normativos e abastados financeiramente devem permanecer, na mesma medida em que, reafirmava/reafirma onde corpos negros, periféricos e pobres merecem estar.

Mesmo que possa parecer estranho começar esta reflexão descrevendo uma telenovela – sobretudo, porque este texto é fruto de uma mesa de debate realizada em um colóquio de Arte e Pesquisa – esse processo colonizador de definição de papéis e locais sociais a serem ocupados não é recente.

No decorrer da história da arte, podem ser observadas inúmeras produções, que apresentam as mesmas questões. Um exemplo disso é o trabalho *A Redenção de Cam* (1895), de Modestos Brocos (1852-1936) (Figura 01):

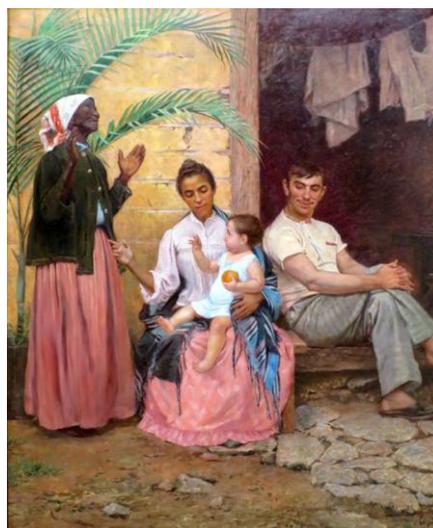


Figura 1 - *A Redenção de Cam* (1895) | Modestos Brocos (1852-1936) | Museu Nacional de Belas Artes | Dimensões: 199.00 cm x 166.00 cm.



Reverenciado a sua época, o trabalho de Brocos, apresentava a política pública de branqueamento<sup>4</sup> adotada no Brasil “pós-abolição”, o que, resumidamente, coloca para o negro a obrigação de se “misturar”<sup>5</sup> com imigrantes, o que resultaria em sua extinção; e para o branco, a certeza de que, em algumas gerações, viveria entre uma raça pura.

Poderiam ainda serem citados outros trabalhos, como a *Negra (1923)*, de Tarsila do Amaral, que apresenta a figura distorcida da mulher negra, colocando-a de maneira exótica, nua, tendo seu corpo construído como território passível de violências, ou mesmo o *black face* apresentado na peça *A mulher do Trem (2015)*, no Itaú Cultural<sup>6</sup>.

Embora haja um plano de embranquecimento da população brasileira, e este seja bem elaborado, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2018, 19,2 milhões de pessoas se declararam pretas no país<sup>7</sup>. Esse número cresce exponencialmente se for considerado que o país tem, aproximadamente, 40% de sua população composta por mestiços; que são negros não tão negros assim. (SANTOS, 2018)

Embora continuem não sendo considerados sujeitos de direito e, na maioria das situações, sejam colocados à margem da sociedade brasileira, não acessando questões básicas que gerariam a manutenção da vida, estes sujeitos vêm deslocando territórios consolidados pela imposição/inserção de sua cultura nos cotidianos brasileiros. Este movimento se dá, sobretudo, pelo viés da arte, ferramenta supracitada e que há muito tempo vem sendo utilizada pela branquitude.

Neste contexto, poderiam ser citados os seguintes trabalhos: *Bombril(2010)*, de Priscila Rezende; *MerciBeaucoup, Blanco! (2013)*, de Michelle Mattiuzze; *White Face and Blonde Hair (2012)* e *Axexê da Negra ou o descanso de todas as pretas que mereciam serem amadas (2017)*, de Renata Felinto; *Whatisthe color ofmyskin? (2014)*, de Paulo Nazareth e Moises

---

<sup>4</sup>Ver SANTOS, Ricardo Ventura; MAIO, Marcos Chor. Qual 'retrato do Brasil': raça, biologia, identidades e política na era da genômica. *Mana - estudos de antropologia social*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 61-95, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v10n1/a03v10n1.pdf>. Acesso em: 28 set. 2008; HERKENHOFF, Paulo. *Corpo, arte e filosofia no Brasil*

<sup>5</sup>Leia-se miscigenação ou mestiçagem, processo que consiste na mistura de raças, de povos e de diferentes etnias. Assim, multirraciais ou mestiças são as pessoas que não são descendentes de uma única origem. Essas pessoas possuem características de cada uma das raças de que descendem

<sup>6</sup>Fonte: <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/05/peca-mulher-do-trem-e-suspensa-apos-acusacao-de-racismo-seria-censura.html>>.

<sup>7</sup>Fonte: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/22/em-sete-anos-aumenta-em-32percent-a-populacao-que-se-declara-preta-no-brasil.ghtml>>.



Patrício e *Exercícios para se lembrar, branqueamento ou ação repetida de cuidar* (2019), de Geovanni Lima (Figura 02):



Figura 2 - *Exercícios para se lembrar, branqueamento ou ação repetida de cuidar* (2019) | Geovanni Lima (1988-) | p.Arte n° 42, Curitiba/PR | Imagem: Flávio Ribeiro.

Tendo os percursos e processos formativos que vivi como substratos para a formatação do meu corpo [corpo-gordo-negro], desloco para o campo da arte, por meio de performances, lembranças da infância, de situações racistas que vivenciei. No trabalho *Exercícios para se lembrar, branqueamento ou ação repetida de cuidar* (2019), retomo os estereótipos de “negro fedido”, “preto-carvão” e “macumbeiro” atribuídos a mim, apresentando uma possibilidade de eliminação dos mesmos, respectivamente pelo uso excessivo de desodorantes aerossóis, utilização de óleos para clarear a pele e o preparo e utilização de um banho de ervas.

Mesmo não sendo reconhecidos em um sistema hegemônico de arte, artistas como eu, que trabalham com questões dissidentes, vêm forçando o reposicionamento de seus grupos por meio de processos de arte. (LOPES, 2015) Inclusive constroem sistemas paralelos para apresentação da produção e, conseqüentemente, geram o fortalecimento de suas manifestações.



Neste sentido, o Núcleo Afro Odomodê, equipamento público voltado para as juventudes do município de Vitória/ES, com foco na juventude negra, vem se constituindo como local para desenvolvimento e apresentação destas manifestações.

Com atividades pautadas na cultura, tendo, entre outros, as artes visuais como método de realização, são produzidas diversas manifestações artísticas no espaço Odomodê, como: performances, grafitti, estamperia, saraus performáticos e poéticos e etc., inclusive, aproximando os(as) jovens da produção acadêmica em artes, produzida na universidade pública, dando ênfase e visibilidade a estes processos que até então eram marginalizados e/ou considerados não-formais. A referida aproximação pode ser comprovada, visto a participação do administrador do Núcleo Afro Odomodê na mesa de debate que originou esta reflexão e sua enfática fala a respeito de como o RAP pode se apresentar como identidade de um grupo e possibilitar o acesso a outros caminhos ao mesmo (Figura 03).



Figura 3 - Grupo de Estudo Mandelacom Mc's, 2018 | Núcleo Afro Odomodê | Vitória/ES | Disponível em: <<https://www.facebook.com/nucleoafroodomode/photos/a.365533417260238/495417434271835/?type=3&theater>>.

Outra possibilidade de constituição de espaços para a resistência da cultura e história de povos afrodiáspóricos é a manutenção/preservação de tradições imateriais, como é o caso das bandas de Congo.



O Espírito Santo abriga grande diversidade de práticas culturais ao longo de seu território, e uma das mais evidentes são as Bandas de Congo. Cada grupo possui peculiaridades, mas se assemelham na utilização de elementos, como: os tambores, a dança e a música. A religiosidade também é marcante e a devoção a algum santo, principalmente a São Benedito e São Sebastião, motiva festejos e rituais como as “Fincadas do Mastro” (MACEDO, 2013, p. 88).

A respeito da manifestação supramencionada, a universidade vem se aproximando de mestres e mestras, colocando o Congo como objeto de suas produções científicas. Entretanto, ainda se vê, mesmo que em baixa quantidade, os integrantes das mesmas produzindo “saberes formais”. A participação do mestre Ricardo Sales, da Banda de Congo “Amores da Lua” (Figura 04), com a palestra “A minha vivência na tradição do Congo” (tema escolhido pelo mesmo) apresenta ao espaço formal universitário o desejo de que as especificidades de quem vive a cultura sejam respeitadas e levadas em consideração na formulação das pesquisas e manifestações acadêmicas, inclusive possibilitando que os mesmos falem por si.



Figura 4 - Banda de Congo “Amores da Lua” | 2019 | Vitória/ES | Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=eowKab8P\\_0I](https://www.youtube.com/watch?v=eowKab8P_0I)>.

As questões discutidas acima, oriundas da mesa de debate proposta pelo COLARTES 2019, dialogam com questões ligadas a performatividade dos indivíduos negros, ou seja, refere-se à relação entre a face social racista, os corpos negros (independente de faixa etária) e as ações performativas criadas por esses para o enfrentamento da conjuntura violenta a que estão expostos. De maneira geral, grupos sociais contemporâneos deslocam as experiências que



os constituem para o campo da arte e as utilizam para discutir questões pertinentes a sua subjetividade.

### Referências

BISPO, Fabiana; LOPES, Alexandre Araújo. Presenças: A Performance Negra Como Corpo Político. In: **Harper's Bazaar Art**. São Paulo. Volume XX, páginas 106-113, 2015.

BROCOS, Modesto. A Redenção de Cam. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>>. Acesso em: 06/10/19.

LOPES, Fabiana. Reescrevendo histórias. In: **Harper's Bazaar Art**. São Paulo. Volume XX, páginas 96-99, 2015.

MACEDO, Inara Novaes. A espetacularização do congo no Espírito Santo. In: **Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES**, Vitória, ano 3, v.3, n. 7. 2013.

SANTOS, Ademir Barros dos. Quem é negro, no Brasil?. In: **Por dentro da África**. São Paulo, 2019. Disponível em: <<http://www.pordentrodafrica.com/cultura/quem-e-negro-no-brasil-por-ademir-barros-dos-santos>>. Acesso em: 13/10/19.